SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXIX
Número 453
31 de Julho
1983

Mensário – Órgão oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 LISBOA

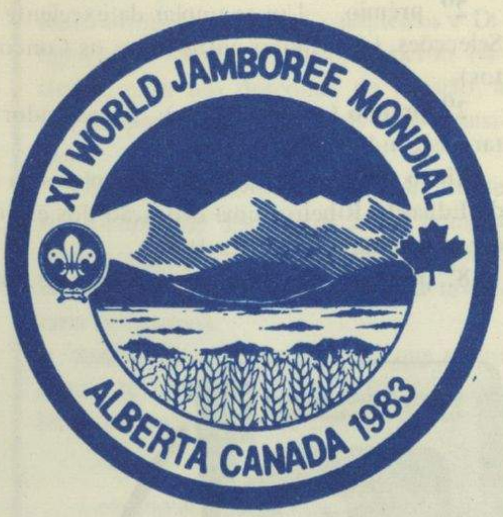
Avulso: 20$00

REALIZAR A PAZ

Por Eduardo Ribeiro

No momento em que traçamos estas linhas, em Alberta, no Canadá, milhares de jovens escoteiros, idos de todas as latitudes da Terra, estão a desarmar as suas tendas e arrumar os sacos-mochila, para empreender a viagem de regresso aos seus países, depois de treze dias de intensa confraternização com rapazes de todas as classes sociais, de diversas crenças e opiniões, de variadas etnias e raças. Foi mais uma fascinante jornada de amizade e cooperação – um Jambori Mundial.

É difícil descrever o que é um Jambori. Não há nada semelhante no mundo. É uma afirmação de fé, de fraternidade, de idealismo. Ninguém esconde aquilo que é ou pensa. Seja rico ou pobre; branco ou negro; judeu ou cristão; muçulmano ou budista, são todos irmãos. Durante os dias de acampamento exibiram as suas tradições culturais e nacionais, fizeram jogos, exercícios, viveram em amizade, sobretudo, realizaram a Paz.



Razão tinha o Fundador para dizer que *os escoteiros de todo o mundo são os embaixadores da amizade, que se dedicam a criar amigos e abater as barreiras erguidas pela cor, credo ou classe social (...). Aconselho-vos* – dizia ele – *a que façais o que puderdes nesse campo, porque não tardareis a ser homens, e se surgirem desavenças entre quaisquer nações, é sobre vós que cairá o peso da responsabilidade.*

Os escoteiros surgem assim como os mais estrénuos defensores da paz. Nos dias de hoje, abundam os partidários do pacifismo. Promovem manifestações, proclamam sentenças, realizam protestos, desafios, fazem guerra para conseguir a paz. Seguem uma linha semelhante às nações que se preparam para a guerra a fim de garantir a sua segurança. Amontoam, por isso, armas cada vez mais sofisticadas e poderosas, suficientes já para destruir toda a humanidade. Caminham para a guerra na pretensão de a evitar.

A paz não pode ser obtida por semelhantes meios. A paz constrói-se, realiza-se. Tem de ser fomentada nas famílias, nas instituições, nas escolas e nas fábricas. O que se verifica presentemente é que o espírito de paz não existe. Os prélios desportivos redundam por vezes em autênticas batalhas campais. Na política, os debates que deveriam ser de busca de consenso, de estudo dos problemas, enveredam com frequência pelo insulto, pela discórdia. E o mesmo acontece nas escolas, nas fábricas, nos clubes e até nas igrejas. Os automobilistas insultam-se mutuamente, os velhos e os novos desconsideram-se, por toda a parte se sente uma terrível animosidade.

O Escotismo recusa tais formas de proceder. Fomenta a paz realizando-a. Promove a paz pela prática diária da confraternização entre jovens, por cima de todas aquelas coisas que dividem os homens no mundo actual. O método seguido é realizar o conhecimento do outro, compreender as suas diferenças, as suas convicções e mentalidades. É através do conhecimento e da compreensão mútua que se fomenta a amizade. Qualquer escoteiro com uns anos de serviço se orgulha de ter amigos em diferentes partes do mundo, com quem convive pelas mais variadas vias, desde a troca de correspondência até às visitas mais pessoais. O Escotismo procura a Paz, realizando-a. Segue com afinco a recomendação de Baden-Powell: *Tomemos o compromisso de fazer tudo o que pudermos para estabelecer a amizade entre os escoteiros de todas as nações e contribuir para o progresso da paz e felicidade do mundo e da boa vontade entre os homens. Apesar de tudo, é o espírito que domina. A nossa Lei e Promessa, se as praticarmos na verdade, suprimem todas as ocasiões de guerras e de lutas entre as nações.*

ADMINISTRAÇÃO

Durante os últimos meses, os seguintes assinantes remeteram-nos o valor das suas assinaturas, o que muito agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Domingos Peixoto (1982)	200$00

OUTROS ASSINANTES

José Alberto Teixeira Cerqueira	250$00
Eduardo Manuel Soares Macedo	250$00
Jorge Ricardo Alves Arruda	250$00
João Francisco Resende Azevedo	250$00
Grupo 68 da AEP	250$00
Carlos Alberto Cardoso Pacheco	250$00
Patrulha Tigre do Grupo 80	250$00
António Tengarrinha Pires	250$00
Rev. Padre Casimiro	250$00
Alberto Capela (1982)	172$00
Grupo 77 da AEP (1982)	180$00
Rotary Clube de Algés	250$00
Eduardo Augusto S. Xavier	250$00
Leopoldino R. Tavares	250$00
Patrulha Veado - Gr. 80 da AEP	250$00
Secção da Lagoa - Gr. 8 da AEP	250$00
João Clímaco Gouveia	250$00
Patrulha Falcão - Gr. 80 da AEP	250$00
Sabino David	250$00
António Cardoso Simões	250$00
António Jesus Brito	280$00



SEMPRE PRONTO

Agraciado com o Lis de Prata da Associação dos Escoteiros de Portugal

PROPRIEDADE:
Aliança Nacional das ACM de Portugal
Reconhecida de Utilidade Pública

DIRECTOR: Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO: Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR: J. E. Pena Ribeiro
COLABORADOR: Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA: Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
R. Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 603778 - 603689
Teleg. YMCAPORT – Telex 18539

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO DE 1945
Assinatura anual: Esc.: 250$00
Despesa de cobrança: + 50$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 300$00
Outros países: Esc. 450$00

"CONCURSO"

SABER E COOPERAR

O nosso Concurso continua, embora o número de concorrentes seja diminuto. Mas continua dando possibilidade à presença de novos concorrentes.

No próximo número publicaremos as classificações já obtidas.

6º QUESTIONÁRIO

1 – Porque é que se diz que a Lua é mentirosa?

2 – Como se designam as nuvens negras, espessas, sem forma definida e bordos esfarrapados? Que anunciam?

3 – Em que data foi a AEP distinguida com a Ordem de Benemerência e entregues as respectivas insígnias?

As respostas ao presente questionário devem ser dadas até 15 de Setembro próximo.

PRÉMIOS

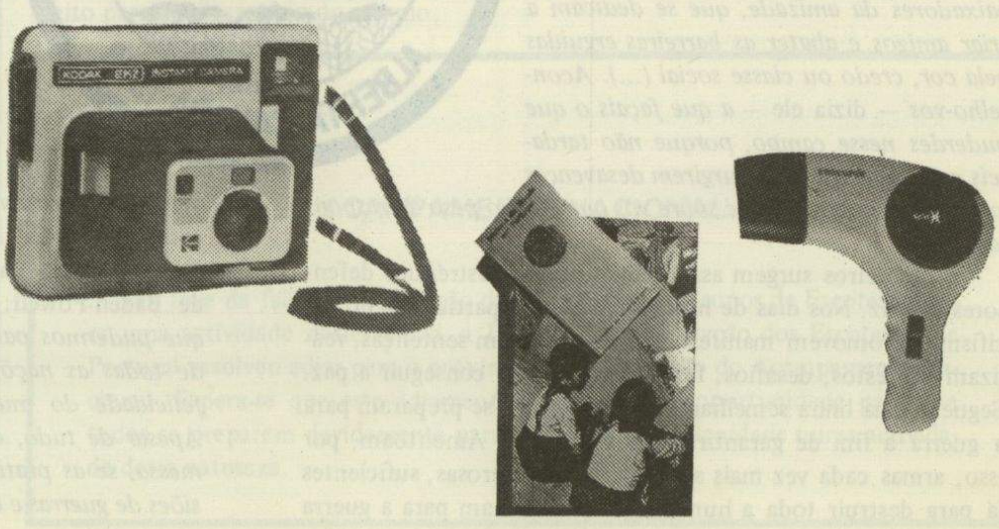
1º prémio – Uma máquina fotográfica, "INSTANT CAMERA" – Cores, conforme gravura. (A disputar entre todos os Concorrentes que tenham um mínimo de 110 pontos).

2º prémio – Um exemplar da excelente obra "Viagens sem Fronteiras" edição das Selecções. (A disputar entre todos os Concorrentes que tenham um mínimo de 90 pontos).

2º prémio (para senhoras) – Um secador de cabelo marca "CONCORDE". (A disputar nas condições anteriores).

Cinco prémios 3º a 7º – Exemplares da obra "História dos Escoteiros de Portugal", de Eduardo Ribeiro, uma evocação dos êxitos e vicissitudes do Escotismo em Portugal e suas colónias, de 1911 a 1974.

8º prémio – Uma lanterna eléctrica de bolso marca "MEYER".



MAIS UMA NOTÁVEL PESQUISA DO PROF. ÁLVARO DÓRIA

O interesse pelas nossas grandes figuras assume muitas vezes aspectos de *convencionalidade* em que a repetição de lugares-comuns acaba por subsumir o herói, ou o sábio, num caudal de considerações pseudo-culturais que lhe retiram todo o valor humano. Esquecem os "louvaminhadores" ou "cortesãos" dos talentos consagrados, que, actuando desse modo, o homem do dia-a-dia que o artista também é, acaba por se transformar numa estátua imponente, de facto, mas... sem vida, como tudo o que se chama estátua.

"Antero de Quental em Vila do Conde", belíssima pesquisa do Prof. António Álvaro Dória, ensaísta e estudioso que dispensa apresentações, não cai nesse erro. Do genial poeta ("Santo Antero", como Eça de Queiroz lhe chamou uma vez) mostra, o autor deste trabalho, não apenas um profundo conhecimento literário, mas a clara apreensão do seu perfil de intelectual revolucionário na sociedade portuguesa. Transcrevemos: "... o autor dos Sonetos ficou a ser facho de luz intensa a iluminar os caminhos do pensamento português e a justificar a necessidade do diálogo, planta exótica em país onde a tradição fixou o princípio do dogma que não pode discutir-se". Mas porquê a investigação acerca das *relações entre Antero de Quental e Vila do Conde?* Simples questão de "lana caprina"?

De forma alguma. A "terrazinha tranquila dos arredores do Porto", lavada pelos ventos mareiros, para usar a expressão poética de Álvaro Dória, *quase alterou* o itinerário psíquico, *a própria história interior*, de Antero de Quental!

Poucos se têm apercebido disso. Com a mais séria e rica das documentações, numa análise viva das amizades intelectuais do autor das "Odes Modernas", o professor Dória demonstra-nos convincentemente a importância que a pacata terra ribeirinha teve na existência do "homem-Antero". É-nos apresentada a significativa correspondência mantida com grandes figuras (do pensamento e da política) de uma monarquia crespuscular: Carolina Michaelis, Storck, Oliveira Martins, Bulhão Pato, Magalhães Lima, Henrique das Neves. Ao "mito-Antero" substitui-se o calmo e simpático perfil de um pensador que habita a moradia da Praça Velha de Vila do Conde, casa de um só andar, encostada a um torreão. Aí escreveu o poeta o imortal soneto que gerações sucessivas decoraram e cujos dois primeiros versos estão escritos na mente de muitos portugueses: "Na mão de Deus, na sua mão direita/descansou afinal meu coração". E aí se rodeou de amigos, ultrapassando a visão pessimista da vida. Por pouco, interessado que estava Antero no budismo, ficar-lhe-íamos a dever um sistema filosófico-religioso coerente e construtivo. Vila do Conde é simultaneamente *espaço* de criação, repouso, apaziguamento, lugar de um quase "optimismo" de "Santo Antero".

Um fim trágico o esperava, longe da "boa natureza", afastado da "terrazinha tranquila". Buscaria voluntariamente a morte, no clima um tanto doentio da sua terra natal.

Clara – e também subtil – é a tese de Álvaro Dória: Vila do Conde foi um raio de sol na mente angustiada de Antero de Quental. A casa da Praça Velha parecia trazer consigo a marca de um destino diferente.

David Freire

HISTÓRIA DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

por Eduardo Ribeiro

Estava previsto colocar esta obra, de tanto interesse para os Caminheiros e Dirigentes, à venda no Acampamento Nacional, com um desconto de ocasião, a fim de possibilitar uma mais fácil aquisição.

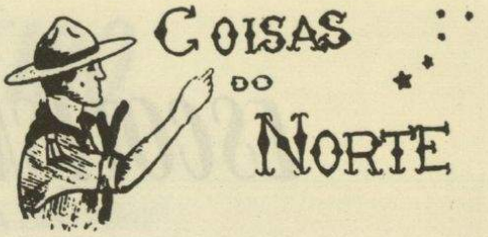
Dadas as circunstâncias, possibilita-se aos Grupos de Escoteiros a sua compra com a intenção de promover a revenda, com margem de lucro a favor da tesouraria dos grupos.

Assim, para as encomendas que sejam feitas até 30 de Setembro próximo, serão feitos os seguintes preços:

1 exemplar	280$00
3 exemplares	240$00 cada
5 exemplares	230$00 cada
10 exemplares	200$00 cada

Esta é uma oportunidade a aproveitar. Fazei já as vossas encomendas.

* * *



GRUPO Nº 26 – PÓVOA DO VARZIM

ESTE GRUPO COLABORA COM VÁRIAS INSTITUIÇÕES EM FESTEJOS POPULARES

Fiel ao lema dos escoteiros, "sempre pronto", o Grupo 26 tem oferecido os seus prestimosos serviços, acedendo a convites que lhe são dirigidos pelas entidades organizadoras, aquando da realização de festejos populares.

Assim, o Grupo Desportivo da Póvoa solicitou os serviços deste Grupo para a fiscalização do XVII Concurso Internacional de Pesca Desportiva de Mar, que se realizou em 26 de Junho último. Os rapazes do 26 lá estiveram com o seu entusiasmo, actividade em que tiveram a cooperação dos escoteiros do Grupo 42.

No dia 29 de Junho, de novo os escoteiros destes dois grupos estiveram presentes na procissão dos Santos Populares, a pedido da respectiva comissão de festas da vila poveira, o que voltou a acontecer, no dia 2 de Julho, a pedido da mesma entidade, no Cortejo Etnográfico do Folk-Varzino 83.

Por último, refira-se a participação, de novo dos rapazes dos dois grupos, na procissão de Nossa Senhora de Belém, que se realizou no dia 3 de Julho, também na Póvoa, cujos organizadores não prescindiram da colaboração dos escoteiros.

ACIDENTE EM RATES

Durante os festejos de Santo António, em Rates, incendiou-se um lote de foguetes, provocando violenta explosão.

No alarme que então se gerou, valeu a presença dos escoteiros do 26 que, serenamente e na maior disciplina, ajudaram nos trabalhos de socorro aos feridos e no seu transporte para o hospital da Póvoa.

COLABORAÇÃO NA REGULARIZAÇÃO DO TRÂNSITO

Por motivo de obras que se realizaram numa das vias de acesso à Póvoa, que foi necessário vedar ao trânsito, o Bairro de Nova Sintra, onde o 26 tem a sede, pas-

continua na pág. 11

ESCOTISMO NA MADEIRA

NÚCLEO REGIONAL DA AEP

Finalmente, e após largas diligências, foi nomeado o Escoteiro-Chefe de Núcleo do Funchal.

É Alberto Castro, membro directivo do Grupo 101, que agora assume a responsabilidade do Núcleo, tarefa que havia sido iniciada com os escoteiros-chefes dos três grupos existentes (24, 92 e 101) sob a coordenação e secretariado do escoteiro-chefe do Grupo "24", funções que tiveram o pleno acordo do Presidente da Direcção Nacional, José Eduardo Pena Ribeiro.

O E. C. Pena Ribeiro presidiu à primeira reunião do Núcleo (em formação), no dia 5 de Outubro do ano findo.

Nessa data, decidiu-se por eleição e unanimidade delegar no E.C. do Grupo 24 as funções de secretariar e liderar o Núcleo, como legítimo representante deste órgão regional perante a direcção nacional.

Desde então o Núcleo, embora com dificuldades de vária índole, para além das inerentes a um órgão em formação, vinha exercendo o seu papel e contribuindo para uma melhoria sempre crescente do Escotismo na Região.

Motivos profissionais e de força maior levaram o E. C. do Grupo 24 a demitir-se, razão pela qual passou a fazer parte do Núcleo em formação o nomeado Esc.-chefe do 24 (no ensejo Alberto Silva). Aí não foi decidido quem lideraria o Núcleo, medida que se impunha ser tomada.

Na recente vinda do Esc.-chefe Nacional à Madeira, este realçou a necessidade de ser nomeado um responsável da Região perante os Serviços Centrais da Associação, que superintendesse os trabalhos do Escotismo na Região e a própria Região em si.

Tomadas as devidas providências, os Esc.-chefes dos Grupos 92 e 101 votaram o Chefe Alberto Castro para ocupar aquele cargo. O Esc.-chefe do Grupo 24, embora não totalmente concordante com a decisão maioritária, solidarizou-se com a mesma. Assim, possuímos já um Esc.-chefe de Núcleo.

Voto sinceramente para que exerça aquele cargo com a dignidade e com o empenho que o mesmo merece, fazendo votos de Boa Caça.

FESTA DA FLOR/83

Tem 28 anos esta iniciativa, que pertence ao Ateneu Comercial do Funchal.

Ano após ano, aquela colectividade leva a efeito uma exposição da Flor, à qual concorrem centenas de pessoas entusiastas que ali levam as suas flores para expor ao público. A exposição fica patente ao público durante três dias, atingindo vários milhares o número de visitantes.

Desde 1969 (data da reabertura do Grupo 24), que este Grupo vem prestando a sua colaboração àquela iniciativa, razão pela qual em 1981 foi agraciado com uma Menção Honrosa.

Aliado à Festa da Flor foi feito um grande muro – Muro da Esperança – onde as crianças foram colocar uma flor "em nome da esperança". Espectáculo maravilhoso aquele a que se assistiu naquela praça citadina, onde milhares de crianças se juntaram num canto alegre e feliz, ultrapassando qualquer barreira, dando as mãos às outras crianças, sorrindo singelamente àquela alegria, àquele convívio.

Houve também espaço para a pintura onde as crianças alegres, transmitiam para o papel o fruto das suas mentes puras.

A colmatar as comemorações, saíram à rua em cortejo a beleza das flores, o sorriso das crianças, a criatividade, a iniciativa, num cortejo admirável.

O válido e habitual contributo do "24" à Festa da Flor foi louvado pelos organizadores, que, em almoço oferecido ao Grupo, prestaram a sua homenagem.

Foi mais uma Festa da Flor, em que nós (pessoas) fomos a Flor da Festa.

Nelson Vasconcelos

EM PROL DA LIMPEZA E DO ASSEIO DA NOSSA TERRA

É tempo de se tomarem medidas decisivas para acabar com o aspecto pouco agradável, repugnante por vezes, exibido em diferentes locais. Como é mais do que tempo, também, de a população tomar consciência do dever (primaríssimo) de não conspurcar com detritos, papéis, escarros e inutilidades, o património colectivo.

Não pode a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, como é óbvio, deixar de apoiar e incentivar todas as iniciativas das autarquias locais, órgãos da Comunicação Social, etc., que se disponham a enfrentar os graves problemas de higiene, sanidade e asseio que, durante muitos anos, têm sido denunciados pela Liga de Profilaxia em longas campanhas, em que se esbanjaram esforços, não raro tornados estéreis devido à falta de compreensão e de ajudas.

Esses problemas poderão ser resolvidos se todos os habitantes se compenetrarem de que lhes é imposto o dever irrecusável de colaborar com as suas autarquias, numa iniciativa séria para que as ruas, parques, praças e logradouros públicos se apresentem irrepreensivelmente limpos e não com o aspecto de lixeiras abertas, repugnantes à vista e ao olfacto.

A participação do público, nos esforços que forem feitos para manter permanentemente limpa e asseada a nossa Terra, é indispensável. Sem essa colaboração (aliás espontânea e natural por parte de quantos se consideram pessoas civilizadas, com a consciência do respeito que devem a si próprios e aos demais cidadãos) todo o trabalho será vão, ou, pelo menos, grandemente neutralizado nos fins que persegue.

Que todos se unam numa cruzada de boa vontade à volta de quantos estejam empenhados nesta tarefa. Que não recusem o seu contributo, abstendo-se, por inteligência, educação e bairrismo, de lançar para os logradouros públicos toda a espécie de detritos. Se todos quisermos, poderemos viver numa terra limpa, higienizada, de que possamos orgulhar-nos. Assim, evitar-se-ão graves danos causados à saúde pública, ao bom nome da nossa Terra e contribuiremos para melhorar sensivelmente o turismo, proporcionando uma maior expansão do nosso comércio e indústria. – *LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL*

O ESPÍRITO ESCOTEIRO

– O ESPÍRITO QUE É PRECISO RESTAURAR –

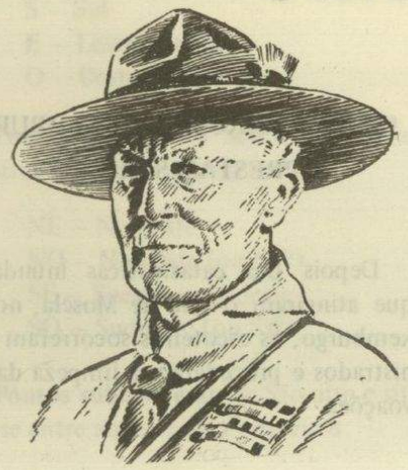
UM TESTEMUNHO INSUSPEITO DE UM JORNALISTA DO "ABC"

A notícia não é recente. É já de 1980, mas merece a pena registá-la. Um escoteiro espanhol, Pablo Castellano Lasa, no decorrer de uma prova de marcha, solitário, para obter a insígnia de "Callero Scout", que supomos corresponder a Escoteiro da Pátria, sofreu um acidente que lhe custou a vida. O conhecido jornal "ABC", de Madrid, de 17 de Abril daquele ano, comentava assim o acontecimento:

No tempo do "cacete", do rapaz depravado, que aterroriza com a sua navalha os vigilantes dos centros da chamada protecção de menores, do "marginal" que desdenha todos os valores ou bens até há pouco entendidos como positivos, resulta que ainda existem "escoteiros". E resulta que um rapaz aspirante ao mais alto grau dessa organização romântica, enobrecida pelo desejo de servir, de se ater a um código de honra e de solidariedade humana, encontra a morte aos quinze anos, no fundo de uma ravina, como tantas outras, na serra de Gredos.

É triste achar consolo na tristeza, no desconsolo do socialista Pablo Castellano, pai deste escoteiro. Mas consola descobrir que existem rapazes que ainda perseguem o esforço gratuito, que aceitam o risco por nada que não seja uma ideia inocente e formosa da vida, que aspiram a conquistar o seu lugar unicamente pelo mérito dos seus actos, tendo a sua consciência por único juíz, com o prémio absoluto do dever cumprido em solidão.

Um, como tantos outros, quis na sua mais rigorosa meninice ser escoteiro, mas,



como acontece com tantas outras coisas, nunca chegou a sê-lo e nem sequer deu outros tantos passos para chegar a sê-lo, mais do que acampar na serra numa tarde de sol e assar, como os seus amigalhaços, uma dezena de batatas colhidas num campo das cercanias. Dizia Alexandre Dumas filho, numa das suas obras: "Sabeis que é o dever? É aquilo que se exige aos outros". Talvez tivesse razão. Uma das causas da degradação da sociedade em que vivemos é que todos estamos dispostos a exigir o dever aos outros e muito pouco preparados para empreendermos nós mesmos acções nobres, difíceis e desinteressadas.

Talvez por isso os escoteiros parecem completamente passados de moda e há quem pretenda ridicularizar certos políticos, ou escritores, ou simplesmente quaisquer homens, dizendo que eles actuam com espírito escoteiro. É esse exactamente o espírito que se deveria restaurar. O do serviço dos outros, da auto-oimposição de deveres que outros não nos possam exigir, o de aceitar uma dureza sem a qual o viver se converte em moleza e a moleza acaba por degradar-nos. Este moço de quinze anos, este Pablo Castellano Lasa, que era filho de um pai famoso, de um socialista da primeira fila, e que tinha alma de escoteiro, ilumina com a sua morte a zona sempre em penumbra dos nobres comportamentos humanos. Que sejam estas pobres palavras um testemunho. Uma homenagem e também a proclamação de que há ainda ideais pelos quais pode morrer, ainda que sem fazer disso propósito, um rapaz desinteressado a quem a vida sorria, essa cortesã a que quase ninguém sabe resistir. – L. L. S.

FRATERNAL

OS "ANTIGOS" EM MADRID



Uma parte dos participantes, com especial relevo para as senhoras, que aderiram alegremente ao convívio.



No terraço da sede dos "Antigos" de Espanha realizou-se em 11 de Junho passado uma alegre confraternização luso-espanhola. Um momento de convívio em volta da mesa servida por saboroso lanche.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

SOCORROS AOS ESQUIADORES DA ESCÓCIA

Durante as catorze semanas que dura a estação de esqui, uma média de 25 acidentes por semana têm tido a intervenção do serviço escoteiro de Socorro de Esqui, de Glenshee. Esta é uma das mais importantes estações de esqui da Escócia. Frequentemente podem ser vistos 5000 esquiadores em actividade naquelas vertentes.

Desde há 20 anos que equipas de escoteiros de mais idade asseguram este serviço. Estes escoteiros possuem um treino de esquiadores e de primeiros socorros. São chamados para socorro em casos de entorses até à evacuação por helicóptero.

SINGAPURA SERÁ HÓSPEDE DE UM SEMINÁRIO SOBRE TOXICOMANIA

O papel do Escotismo na luta contra a toxicomania será objecto de um seminário em Singapura, de 4 a 8 de Setembro próximo. Um dos maiores problemas de Singapura é efectivamente o abuso de estupefacientes. A Associação Escoteira trabalha desde há algum tempo no domínio da prevenção e já introduziu no seu programa uma insígnia para esta acção.

Foram convidados representantes das outras associações nacionais para participar neste seminário e, assim, tomarem contacto com a Associação Escoteira de Singapura.

OS ESCOTEIROS DO LUXEMBURGO PRESTAM SERVIÇO

Depois das catastróficas inundações que atingiram o vale de Mosela, no Luxemburgo, os escoteiros socorreram os sinistrados e procederam à limpeza das povoações.

NAS FILIPINAS – ESCOTISMO NAS PRISÕES

Nas Filipinas, jovens que têm cometido pequenos actos de delinquência são por vezes detidos nas prisões. O Escotismo criou um programa especial para permitir que estes rapazes se tornem escoteiros. A ideia foi lançada por um dirigente escoteiro da cidade de Cebu.

Em princípio, estes jovens eram internados em casas de reeducação, mas, em face da falta de lugares, são detidos nas prisões. Foram introduzidos programas de actividades escoteiras para contribuir para o desenvolvimento de senso moral e proporcionar oportunidade de participarem em actividades de formação durante o tempo em que se encontram detidos. – *World Scouting Newsletter Bulletin Junho – 1983.*





GRUPO Nº 94

ESTA CONCEITUADA UNIDADE ESCOTISTA DA AJUDA COMEMORA O SEU 49º ANIVERSÁRIO

O 94 está em festa, visto que no dia 8 de Julho passaram 49 anos sobre aquele histórico dia que o viu nascer.

É verdade que muitas das figuras que lhe deram vida já não se encontram entre nós, como seja o pastor Joaquim Rosa Baptista, um homem de coração que jamais os seus amigos hão-de esquecer, ou o EC David Baudouin, o seu segundo escoteiro-chefe. Mas muitos outros se encontram felizmente entre nós. E a sessão solene, realizada no próprio dia do aniversário, foi um pretexto para reunir alguns deles. Nesse singelo fogo de conselho, que Armando Inácio, com a sua reconhecida autoridade, dirigiu, viram-se as presenças, sempre gratas, do seu fundador e primeiro escoteiro-chefe Henrique Alves de Azevedo, um escoteiro de alma e coração, Eduardo Ribeiro e Capitolino Ferreira Macedo, que dirigiram os destinos desta unidade escotista durante largos e frutuosos períodos, até os actuais Armando Garcia, Rui Macedo, Manuel Tacão Monteiro e Mariano Garcia, que com entusiasmo e garbo mantêm as nobres tradições deste grupo: fazer do jovem um escoteiro de todos os dias.

Esta sessão de aniversário viu ainda as presenças de velhos companheiros, como sejam Albano Costa, escoteiro do primeiro dia do grupo, Manuel Parente, Eng. José de Almeida Chaves e Pedro Filipe.

O fogo de conselho decorreu com bom ritmo, interessando o bom conjunto de presenças que ali se reuniu, graças às canções, jogos, entremezes, gritos escotistas e a participação da fanfarra do 94, conjunto cuja presença é indispensável em iniciativas desta natureza.

Um momento de solenidade foi fornecido pela passagem do escoteiro Frederico Pais da Tribu para o Clã, tendo sido recebido nesta divisão pelo respectivo chefe

continua na pág. 12

Página do Escoteiro



VAMOS APRENDER A SEGUNDA CLASSE

Para participar num acampamento nacional, o escoteiro terá de possuir determinada preparação, que lhe permita dar a sua contribuição individual para um êxito colectivo. Por outras palavras, só deve participar num acampamento nacional o escoteiro que obteve determinado nível de progresso escotista. O ideal seria que o acampamento nacional fosse reservado a escoteiros de primeira classe, já que numa actividade de tão alto nível não interessa a quantidade, mas a qualidade. Enquanto isso não é possível, deve ser estabelecido que nos acampamentos nacionais só participem escoteiros com, pelo menos, a segunda classe. Porque participar numa actividade desta natureza é, sobretudo, um prémio. O prémio que, para ser concedido, é preciso merecê-lo.

No intuito de contribuir para que n , escoteiros consigam alcançar mais alta classe de progresso, "Sempre Pronto" vai publicar as provas de classe mais técnicas, embora repetindo assuntos já divulgados em números anteriores.

PROVA DE "ORIENTAÇÃO E TOPOGRAFIA"

DESENHAR A ROSA-DOS-VENTOS, INDICANDO OS PONTOS CARDEAIS, COLATERAIS E SUBCOLATERAIS

Todo o escoteiro deve saber desenhar uma Rosa dos Ventos apresentando ainda que rudimentarmente, os 16 pontos principais. Examina a gravura abaixo e aprende a forma de apresentar abreviadamente os referidos pontos.



Pontos cardiais – São quatro:

N – Norte
S – Sul
E – Leste (ou Este)
O – Oeste (ou W)

Pontos colaterais – São também quatro e situam-se entre aqueles:

NE – Nordeste
NO – Noroeste (ou NW)
SE – Sueste ou Sudeste
SO – Sudoeste (ou SW)

Pontos subcolaterais – São oito e situam-se entre aqueles oito primeiros:

NNE – Nor-nordeste
NNO – Nor-noroeste (ou NNW)
ENE – Lés-nordeste
ONO – Oés-noroeste (ou WNW)
ESE – Lés-sueste ou Lés-sudeste
OSO – Oés-sudoeste (WSW)
SSE – Sul-sueste ou Sul-sudeste
SSO – Sul-sudoeste (ou SSW)

SABER ORIENTAR-SE POR MEIO DA BÚSSOLA, DO RELÓGIO E PELO SOL

Chama-se *orientar*, a determinação de uma direcção, particularmente do Norte, visto que, conhecido este, é-nos possível facilmente determinar qualquer outro ponto. Podemos dispor para isso de um aparelho muito simples denominado *bússola*. A bússola terrestre, aquela que interessa ao nosso caso, é constituída por uma agulha, muito leve, de aço, de duas pontas, uma das quais é magnetizada. Esta agulha é assente num eixo sobre o qual gira livremente e está encerrada numa caixa com tampa de vidro, a fim de estar ao abrigo das agitações do ar.

O fundo da caixa tem desenhado uma circunferência com a Rosa-dos-Ventos ou, pelo menos, com os pontos cardeais. A circunferência está geralmente dividida em 360 graus ou, menos vulgarmente, em 400 grados. A ponta magnetizada é dada em tom azulado.

Para nos orientarmos, colocamos a bússola bastante horizontalmente e, depois de um breve período em que a agulha se agita (diz-se que "está maluca"), esta pára e aponta sempre um ponto determinado. É o Norte, mas o Norte magnético. O Norte geográfico encontra-se um pouco à direita. Fazemos coincidir a Rosa-dos-Ventos da bússola com a agulha, colocando esta cerca de 12 graus à esquerda. As bússolas indicam muitas vezes o ponto do norte magnético com um traço negro ou uma flecha.

No uso da bússola, devemos ter o cuidado de não a colocar na proximidade das linhas eléctricas, de terrenos com minério, de linhas de caminho de ferro, de objectos de ferro, de aço ou níquel, porque estes prejudicam a orientação da agulha magnética. Devemos afastar-nos, pelo menos, cinco metros das linhas de C. F.

Se queremos orientar um mapa, basta colocar a seta que nele indica o Norte, na mesma direcção do Norte geográfico encontrado na bússola. Na falta da seta, está convencionado que a linha N-S é paralela às margens laterais do mapa.

A segunda preocupação é a de determinar qual o ponto do mapa em que nos encontramos e o ponto aonde nos pretendemos dirigir e assim, confrontado com a bússola, sabemos a direcção em que devemos marchar, seguindo em corta-mato, isto é, em linha recta, ultrapassando todos os obstáculos.

Declinação magnética

Chama-se declinação magnética ao ângulo formado pelo centro da bússola, o Norte geográfico e o Norte magnético e que, no nosso país, é de cerca de 12° W.

É interessante saber que a declinação magnética não é igual em todos os pontos da terra e que ela diminui em cada ano 9 minutos. Como sabeis um grau tem 60

continua na pág. 11

RESPEITO

POR TODOS OS SERES VIVOS

H. J. Weichert – Presidente da Sociedade Mundial para a Protecção de Animais

"A maior parte das vezes, a crueldade do homem foi aprendida através da crueldade para com os animais... (teria havido menos aceitação em relação aos vagões selados transportados para os campos de concentração se o sofrimento dos animais transportados em camiões para o matadouro não fosse realidade) os direitos dos animais – criaturas companheiras – são tão sagrados como os nossos".

Marguerit Yourcenar

A tremenda diversidade e complexidade dos problemas relativos à protecção animal, infelizmente a aumentarem em vez de diminuirem, tornam imprescindível que se concentrem aí todos os esforços.

Esta é a razão por que a Federação Mundial para a Protecção dos Animais e a Sociedade Internacional para a Protecção dos Animais desapareceram a 1 de Janeiro de 1981 para dar lugar à Sociedade Mundial para a Protecção de Animais.

A SMPA adquiriu o estatuto de organização consultiva do Conselho da Europa.

O trabalho iniciado em Estrasburgo, há cerca de vinte anos, pela então Federação Mundial, conduziu a conclusões consignadas nas várias convenções internacionais de Protecção Animal que, energicamente, têm sido levadas por diante pela Sociedade Mundial para a Protecção de Animais, seguindo a mesma orientação.



Muitos dos problemas em questão, encontram-se na maior parte dos países, diferindo apenas do seu grau de importância. Alguns exemplos são o sustento e criação de animais domésticos (cães, gatos e pássaros); o sustento e criação de animais para alimentação (gado, aves, etc.) e particularmente a "criação intensiva"; o transporte de animais no desporto ou para exibição e a experimentação científica com animais vivos, um dos aspectos mais difíceis de proteger.

Alguns dos problemas são específicos de certos países e regiões, por exemplo, a caça ao canguru na Austrália; a caça com armadilhas para conseguir peles, especialmente no Canadá; a caça à foca nas costas do Canadá, Gronelândia, Alasca, África do Sul e outros locais; a captura (por vezes ilegal) de leopardos na América do Sul e nalgumas regiões da África e Ásia. Também não podemos esquecer a caça à baleia, que continua implacável como nunca. Deve ser recordado e dito que a captura e matança de animais deve ser sempre olhada como cruel e causadora de sofrimento aos mesmos. A juntar a isto, e também por causa disto, toda uma série de espécies selvagens está seriamente comprometida.

Infelizmente, a convenção sobre o Comércio Internacional de espécies selvagens em vias de extinção, em vigor desde 1937 e ratificada por 10 países, não deu ainda, os efeitos desejados.

Outro problema específico são as touradas, com o consequente derramamento de sangue, em Espanha, Sul de França e países da América do Sul e Central, onde lutas de cães e galos são também populares.

Certos desportos são mesmo reminiscências da Idade Média: caça à raposa no Reino Unido; caça com cães em França; corridas de cavalos extremamente violentas. Muitas outras situações erradas acontecem com o uso de cavalos em desporto.

As tarefas duma organização mundial de protecção animal são obviamente enormes, requerendo a ajuda e apoio de todas as associações nacionais de protecção animal cujos membros, tanto individual como colectivamente são amigos dos amigos.

Uma das tarefas mais importantes é, contudo, melhorar as relações entre o Homem e o Animal. Deve ser entendido e reconhecido que os animais são também criaturas de Deus, que têm sentimentos e direito à vida e ao bem-estar.

O Homem não tem qualquer direito de olhar os animais como meros objectivos.

Mesmo admitindo-se que o homem tem o direito a utilizar os animais na sua alimentação e outras necessidades, é seu dever providenciar para que sejam tratados com humanidade.

EDUCAÇÃO

Para conseguir esta mudança de atitude, um vasto processo educativo deve ser posto em acção, dando absoluta prioridade à sensibilização das gerações mais novas, para o respeito a ter com todos os seres vivos (animais e plantas), como pediu o famoso médico e filósofo Albert Schweitzer.

Os adultos, pelo seu lado, precisam de mais informação. Assim, esta mensagem deve ser levada até ao grande público, através dos *mass-media* e não apenas das publicações especializadas.

Compreendemos as dificuldades que este tipo de planos levanta. A atitude das populações difere no Continente Europeu, mas as divergências alargam-se ainda mais quando consideramos todos os continentes e não apenas o Europeu.

Na Ásia e na África, por exemplo, religião e tradição moldaram uma determinada visão das relações entre os homens e os animais, ao longo dos séculos.

É preciso acordar as populações de todo o mundo para o facto de que os animais são seus "irmãos". Isto seria muito vantajoso também para o homem. Torná-lo-ia mais maturo e provavelmente mais pacífico e tolerante para os seus semelhantes. – *Forum – Conselho da Europa –1/82.*

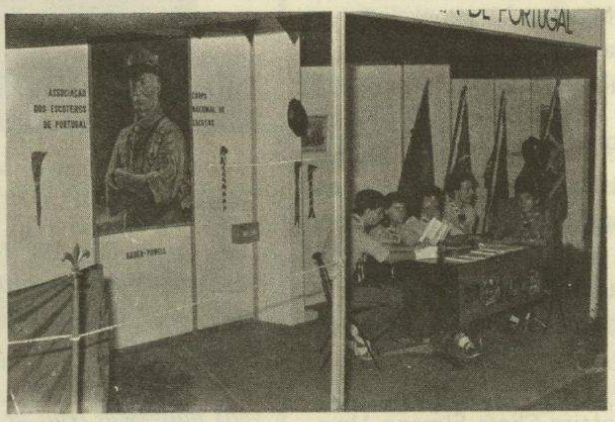
JUVENTUS - 1983

O Escotismo esteve novamente representado na Juventus, que se realizou na FIL, de 8 a 14 de Julho findo.

A exposição foi feita pela Federação Escotista de Portugal, englobando a Associação dos Escoteiros de Portugal e o Corpo Nacional de Escutas, o que constituiu uma feliz decisão. A imagem de unidade, que o público recebeu desta manifestação, só pode contribuir para uma melhor compreensão do Movimento.

Pelo lado da AEP, participaram na montagem do "stand", os chefes Alfredo Rodrigues e João Correia Cabral, que conseguiram uma apresentação sóbria e digna.

As Guias de Portugal tiveram também o seu "stand" com decoração apropriada. Notável, a sua representação no dia de inauguração. As guias ocuparam a escadaria que, junto à entrada, dá acesso ao segundo piso e aí entoaram alegres canções juvenis, que despertaram a curiosidade e interesse do público.



O "stand" na FIL da Federação Escotista de Portugal.

O XXVI JAMBORI NO AR ESTÁ À PORTA!

As complexas tarefas que anualmente estão cometidas à Organização Nacional do Jambori no Ar já se encontram em pleno desenvolvimento. E tem de ser assim, visto que, mal disso nos apercebermos, estarão aí os dias em que esta actividade se vai realizar. Pensemos que é no fim-de-semana de 15 e 16 do próximo mês de Outubro a data desse acontecimento, a que os escoteiros e as guias tanto apreço dão. Vejamos que, ao serem lidas estas linhas, já o mês de Agosto estará nos nossos calendários...

Por isso, a Organização está fornecendo, há semanas, as primeiras instruções, tendentes ao bom andamento desta actividade, instruções que é necessário cumprir a tempo e horas, para que tudo resulte em pleno. Deixar as coisas para o último dia é o primeiro passo para comprometer a eficiência de qualquer actividade.

O JOTA deste ano vai comemorar o 75º aniversário da fundação do Movimento Escoteiro. Por isso, há um objectivo que o Conselho Mundial pretende seja atingido: o estabelecimento do maior número de comunicações entre escoteiros e guias de diferentes países.

O JOTA é a oportunidade de comunicar. Não um contacto superficial, mas uma troca cuidada de experiências, um estabelecimento de relações que alarguem decisivamente o âmbito da nossa vivência escotista. O JOTA não é uma estatística de contactos. É, sobretudo, o ensejo de confraternizar. Só a realização deste objectivo dará sentido à nossa participação.

RECOMENDAÇÕES DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL

Para já: iniciação dos participantes nas lides radioamadoristas, para o que é acon-

continua na pág. 12

NA BURACA

UM GRUPO DE ESCOTEIROS CONSTRÓI A SUA PRÓPRIA SEDE

Possuir uma sede constitui o maior problema que normalmente se levanta a um Grupo de Escoteiros. Por falta de apoio, muitos dos nossos Grupos estão mal instalados, sem o mínimo de condições para realizar uma actividade profícua. É certo que a actividade escoteira se desenvolve principalmente ao ar livre, em pleno campo. Mas faz falta uma sede para reuniões, para preparar toda a acção que uma unidade escoteira precisa de realizar.

O Grupo nº. 88, com sede na Buraca, às portas de Lisboa, estava nestas circunstâncias. Os seus dirigentes e escoteiros não quiseram, porém, que a sua actividade fosse asfixiada pelas quatro paredes de uma pequena cozinha. E resolveram construir uma sede de raiz. "Sempre Pronto" foi ali admirar o trabalho realizado e entrevistou o Escoteiro-Chefe Elmano Alves, perguntando-lhe:

– Como foi possível o Grupo nº. 88 meter-se na realização de uma obra desta envergadura?

E. A. – *Foi uma decisão muito difícil, mas imperiosa, dada a forma como estávamos instalados. Tínhamos uma sede provisória cedida pela Câmara de Oeiras, que presidia à Amadora. Essa sede funcionava numa antiga escola. Tratava-se de uma habitação com três divisões e uma cozinha. Foi-nos destinada a cozinha, que tem 6m². É aqui que funciona a actual sede dos escoteiros. O resto foi cedido a comissões de moradores e a comissões de reformados. Dadas as conotações políticas que este género de actividades geralmente têm, era quase impossível o grupo de escoteiros funcionar paredes meias com eles, na tal cozinha, integrada na mesma moradia.*

S. P. – **Em face disso, resolveram construir um edifício?**

E. A. – *Exactamente. A partir de 1976, desenvolvemos um processo na Junta da Amadora e comissão de moradores da Buraca, tendente a conseguir um local onde nos pudéssemos expandir e os jovens pudessem realizar o seu programa de trabalhos. Assim, depois de muito trabalho burocrático e de lutas acesas, discussões na assembleia municipal, na junta de freguesia, conseguimos que nos fosse cedido este local na Rua Andrade Corvo, um antigo logradouro, um montão de lixo, mas com uma superfície de cerca de 150 m², onde viemos construir o edifício para sede. A partir daí, dados os nossos magros recursos, começámos a "explorar" a mão-de-obra dos escoteiros (passe a brincadeira) para fazer os caboucos e pouco mais conseguimos porque acabaram os fundos do Grupo.*

S. P. – **E a obra parou!**

E. A. – *Nada disso. A partir daí, procurámos obter diversos subsídios da AEP, a nossa "mãe", tivemos a maior aceitação do presidente, sr. Pena Ribeiro; a Câmara Municipal da Amadora recomendou-nos à Junta de Freguesia da Amadora, que nos concedeu um subsídio. Esses fundos foram logo investidos em materiais para prosseguir a obra. A Câmara tinha-nos cedido um pavilhão, mas este ficou destruído com a desmontagem e, portanto, tivemos de enveredar pela construção, de raiz, de um novo edifício.*

S. P. – **Mas esses fundos, naturalmente, também depressa se esgotaram.**

E. A. – *É certo. Tivemos de arranjar forma de conseguir mais dinheiro. Para angariar fundos, os escoteiros prestaram à população diversos trabalhos remunerados; venderam-se autocolantes, e, dado que o dinheiro não chegava ainda, tentámos o apoio de entidades oficiais, nomeadamente do FAOJ, que também colaborou. Presentemente, esperamos um subsídio da Fundação Gulbenkian, que nos permita concluir a obra. O trabalho dos escoteiros tem sido bastante, e apesar destas iniciativas provocarem por vezes atritos, estes têm sido resolvidos e a direcção do Grupo tem colaborado bastante. Com calma e espírito escoteiro, conseguiremos terminar a obra. Vamos ter aqui um baluarte da AEP. Não queremos fazer obra de fachada, mas um trabalho de coração, que possa ser útil não só ao nosso Grupo, mas ao Escotismo. Ficará ao serviço dos jovens desta zona, que não têm onde ocupar os seus tempos livres, mas o meu sonho seria que futuramente aqui viessem escoteiros de todo o país e até do estrangeiro. Terão aqui um recinto onde se poderão distrair e até pernoitar.*

S. P. – **Esta obra tem sido feita inteiramente pela mão dos escoteiros?**

E. A. – *Não, inteiramente, não. Para*





ser sincero, devo dizer que não. Há trabalhos técnicos que os escoteiros não saberiam fazer. Mas aqueles trabalhos que eles poderiam fazer foram todos executados pelos rapazes. Há cerca de um ano que passam aqui horas seguidas a trabalhar.

S. P. – **E donde veio essa ajuda técnica?**

E. A. – *Veio de alguns pais dos escoteiros e de pessoas amigas, sócios do Grupo, que nos deram a sua colaboração e ajudaram a erguer este "palácio".*

S. P. – *Mas não tiveram de contratar*

S. P. – **Mas não tiveram de contratar mão-de-obra?**

E. A. – *Apenas durante uns três ou quatro dias tivemos aqui um pedreiro, dado que não tínhamos ninguém para fazer um trabalho mais especializado.*

S. P. – **Quanto investiram já neste trabalho?**

E. A. – *"Grosso modo", já aqui temos 120 contos em materiais e mão-de-obra do referido pedreiro. Se tivéssemos de pagar toda a mão-de-obra, essa verba seria muito maior.*

S. P. – **De quanto precisam ainda?**

E. A. – *Humildemente, creio que talvez com mais 100 contos conseguiremos que o edifício fique utilizável.*

S. P. – **Portanto, o Grupo nº 88 para acabar esta obra tão importante precisa de mais 100 contos, que terá de receber de instituições e de companheiros do Escotismo, não é assim?**

E. A. – *Isto para ficar uma coisa minimamente utilizável pelos escoteiros.*

E terminámos aqui a entrevista. Voltámos a olhar para aquelas paredes, onde imaginámos o esforço desenvolvido pelos jovens do Grupo nº 88.

Esta obra é um testemunho. Este Grupo teve necessidade de uma sede e tratou de a construir com as mãos dos seus escoteiros. Chama-se a isto força de vontade. A obra já feita é tão importante que não levanta qualquer dúvida acerca da possibilidade do seu acabamento. Os rapazes do Grupo nº 88 merecem que o Movimento lhes proporcione todo o apoio.

COISAS DO NORTE

continuação da pág. 3

sou a ser utilizado pelo tráfego que demanda a vila. No último fim-de-semana de Junho, o trânsito atingiu grande intensidade, indo muito além da capacidade das várias gargantas que o itinerário de recurso comporta. A agravar a situação, verificou-se que a sinalização rodoviária, em certos casos, estava erradamente colocada, o que deu lugar a verdadeiro pandemónio.

Valeu na circunstância o espírito de serviço dos rapazes do 26, que espontaneamente se apresentaram para ajudar na ordenação do trânsito e deram um jeito na colocação acertada de vários sinais de trânsito, evitando a ocorrência de acidentes.

✸

PÁGINA DO ESCOTEIRO

continuação da pág. 7

minutos e um minuto tem 60 segundos. (Não deveis fazer confusão com a medição das horas que é semelhante a esta).

Hoje há uma tendência para substituir esta renumeração por uma numeração decimal em que a circunferência tem 400 grados e o ângulo recto tem 100 grados. Por sua vez, o grado tem 100 minutos centesimais e o minuto tem 100 segundos centesimais. Quando nos servimos de uma bússola, devemos der o cuidado de nos certificarmos previamente da medida usada.

Algumas cartas indicam a declinação, mas não podemos aceitar essa indicação como absolutamente exacta, visto que ela vai estando desactualizada à medida que os anos passam sobre a data da publicação.

Orientação pelo relógio

Embora sem a precisão da bússola, o relógio poderá servir para nos orientarmos, desde que o Sol esteja descoberto.

Procede-se da seguinte forma:

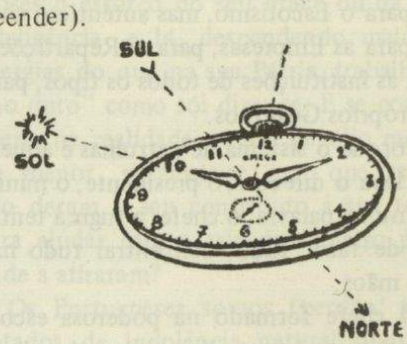
1º Dirigir o ponteiro das horas para o Sol;

2º Dividir ao meio o ângulo que se forma se imaginarmos unidos por linhas rectas os três seguintes pontos: extremidade do ponteiro das horas, centro do relógio e algarismo das 12 horas.

A linha divisória indica o Norte-Sul, devendo ter-se em consideração que:

a) Se ainda não é meio-dia, o Sol fica à direita do ponteiro das horas;

b) Se já passa do meio-dia, o Sol fica à esquerda. (A gravura abaixo ajuda a compreender).



Estas indicações entendem-se para o nosso país e para todo o hemisfério Norte. No hemisfério Sul, temos de contar que o Sol se apresenta do lado contrário, estando ao meio-dia no Norte.

Deve ainda tomar-se em consideração o facto de, na vigência da chamada *hora de verão*, os relógios estarem adiantados uma hora sobre a hora solar.

PROF. LEOPOLDINO DA ROCHA TAVARES

Tivemos o prazer de receber a visita do nosso estimado companheiro Prof. Leopoldino da Rocha Tavares, ilustre presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, dedicado escoteiro que hoje ocupa o lugar de chefe regional dos Açores.

Folgamos muito com a presença deste prezado amigo, ao qual apetecemos os maiores êxitos nos postos que lhe estão confiados.

DE MÊS PARA MÊS



ESCOLA DE DIRIGENTES

Está dito pelos maiores dirigentes do Escotismo que o Sistema de Patrulhas não é uma forma de fazer Escotismo, mas a única forma de o fazer.

Mas o sistema de patrulhas é mais do que isso. É a maneira segura e eficiente de formar dirigentes. Não apenas dirigentes para o Escotismo, mas autênticos chefes para as Empresas, para as Repartições, para as instituições de todos os tipos, para os próprios Governos.

Porque o sistema de patrulhas é aquele que leva o director, o presidente, o ministro, numa palavra, o chefe, a fugir à tentação de fazer tudo, concentrar tudo nas suas mãos.

O chefe formado na poderosa escola de sistemas de patrulhas, seja guia, chefe de grupo, director de empresa, ministro, chefe de governo, fala no plural, distribui trabalho, estimula, louva, promove acção comum, de constante colaboração, mas nunca cai na veleidade de querer fazer tudo. Sob sua direcção, a obra é feita por todos e, portanto, é mais eficiente, mais produtiva e mais alegre.

EFEMÉRIDES

AGOSTO

Dia 3 – 25º aniversário do Grupo 12 – Sassoeiros.

Dia 9 – 76º aniversário do encerramento do acampamento experimental da ilha de Brownsea.

Dia 14 – 68º aniversário do Grupo nº 9 – Lisboa.

SETEMBRO

Dia 6 – 70º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Dia 29 – 11º aniversário do Grupo nº 30 – Figueira da Foz.



O XXVI JAMBORI NO AR ESTÁ À PORTA!

continuação da pág. 9

selhável, senão indispensável, conseguir-se a colaboração de um radioamador.

Outro passo é a elaboração do QSL, ou seja, do cartão confirmativo do contacto, o que pode ser estudado, consultando a brochura "Como tomar parte num Jambori no Ar" que a Organização Nacional (Justino Estêvão da Silva, Rua 1, à Rua Bastos Nunes, nº 2, 1º, esq., 2745 QUELUZ), devidamente preenchida.

Estas são as providências que se tornam necessárias serem postas em prática já.

Outras instruções há que devem ser cumpridas na devida altura, como sejam as referentes ao Diploma Escoteiros e Guias do Algarve, aos cartões de participantes, ao Diploma de Agradecimento aos Radioamadores e Grupos participantes.

Outra forma de cooperação que não deverá ser esquecida é a que diz respeito à aquisição do autocolante do JOTA, que poderá ser feita na Organização Nacional (ver endereço acima) ou no SMU (Travessa das Galeotas, 1, 1300 Lisboa), o qual é vendido ao preço de 10$00, cuja receita será aplicada nas despesas com a divulgação do JOTA.

São estas as indicações que se torna necessário por agora cumprir. Vamos dar o nosso contributo para o êxito deste JOTA, acatando essas prescrições. Valeu?

Assim, estaremos a trabalhar para mais uma jornada de confraternização que só o Escotismo nos poderá oferecer, porque só ele está em condições de nos levar até junto doutros jovens irmanados no mesmo ideal: a fraternidade mundial.



ESCOTISMO NA CAPITAL

continuação da pág. 6

Carlos Alberto Teixeira.

Assinale-se a presença de José Rafael Baudouin, presidente da Fraternal, e dos escoteiros do Grupo 78, das Portas de Benfica, e do agrupamento do CNE da Boa Hora.

No domingo, dia 10, realizou-se uma excursão que se coroou por autêntico êxito. Os forasteiros visitaram a Casa dos Patudos, em Alpiarça, o que serviu de pretexto para um concurso de observação em que participaram os escoteiros, actividade que despertou o maior entusiasmo. Óbidos foi outro dos momentos altos desta digressão, pois os escoteiros souberam tirar o maior proveito da oportunidade. Na encantadora vila murada, os nossos rapazes delinearam panorâmicas de elevado interesse e tiveram entrevistas com os vários artesãos que ali se encontravam, o que permitiu um diálogo enriquecedor. Outro ponto de grande interesse, foi a visita ao Cabo Carvoeiro.

Registe-se a participação dum antigo escoteiro do primeiro dia do 94: Francisco José Seita.

Enfim, um dia em cheio, que os rapazes do 94 não vão esquecer.

De 14 a 17, na sede do Grupo, esteve patente uma exposição retrospectiva da Patrulha Águia, onde se viam numerosas fotografias, trabalhos manuais, emblemas e insígnias escotistas, provenientes das trocas e muitos outros objectos de significado escotista.

Esta exposição foi muito visitada, deixando em todos os presentes a melhor das impressões.